



Terra Santa 2000

SAÍDAS PROGRAMADAS PARA O ANO DO JUBILEU

ROTEIRO	ORIENTADOR	SAÍDA
Itália, Egito e Israel	Pe Chico	10/01/2000
Jubileu da Vida Consagrada	-	27/01/2000
Portugal, Itália e Israel	Pe Carlos Gustavo Haas	01/02/2000
Portugal, Itália e Israel	Dom Aloísio Sinésio Bohm	01/02/2000
Portugal, Itália e Israel	Pe Sidney da Silva Grudzien	04/02/2000
Portugal, Itália e Israel	Pe Gelson Luiz F. Ferreira	04/02/2000
Egito, Israel, Itália opc Medjugorje	Pe Aloysio I. Flach	06/02/2000
Israel e Itália opc Medjugorje	Dom Murilo Krieger	07/02/2000
Itália	Org. Josiane Valentim/ Cenira R. da Silva	Março de 2000
Itália, Egito e Israel	Pastor Arno Paganelli	21/04/2000
Itália, Egito e Israel	Pe Edson de Souza Miller e Pe Paulo Herdt	11/05/2000
Itália, Egito e Israel	Pe Vitor G. Feller e Pe Marcio A. Vignoli	08/06/2000
Itália, Austria, Alemanha, França, Espanha, Portugal e Luxemburgo	Pe Valdemar Goh	04/06/2000
Itália, Egito, Israel e Portugal	Pe Pedro J. Koehler	25/04/2000
Itália e Israel	Pe Nélio Schwanke e Pe Luiz A. Caon	15/10/2000

ORIENTAMOS A FORMAÇÃO DE SEU GRUPO

CONSULTE PARCELAMENTOS ESPECIAIS S/ JUROS OU FINANCIAMENTO

Mark Tur

VIAGENS E TURISMO

Rua Marcos Rovaris, 262 Sl 02
Criciúma SC
Fone Fax 048 433 4011

Rua Anita Garibaldi, 60 Sl 21
Florianópolis SC
Fone 048 223 5597 Fax 048 223 5011

ENCONTROS
Teológicos

O mistério da paternidade divina, como "fonte e modelo da paternidade humana", é o tema deste artigo, que o autor apresenta como "meditação e intuição". Preocupado com o desmoronamento dos "pilares fundamentais da vida humana", o autor insiste na necessidade dessa re-capitulação teológica que está na redescoberta da paternidade divina, a nós revelada pelo Filho, Jesus. "O amor paternal de Deus", afirma o autor, "é um desafio para todos nós". Nesta aurora do terceiro milênio da era cristã, necessita-se como nunca de "mais profecia e mais amor-testemunho", a começar de em nossos relacionamentos ad intra, dentro da Igreja.

Da Paternidade Divina á Paternidade Humana

Pe. Evaristo Debiasi

Professor de Escatologia e Psicologia Existencial no Instituto Teológico de Santa Catarina.

Artigos



Não sei se poderei chamar de artigo, reflexão, ou mensagem, o que passo a escrever. Penso tratar-se mais de uma intuição pessoal, ao buscar viver meu sacerdócio na relação Pai e filho, neste ano dedicado ao amor misericordioso de Deus-Pai, rumo à celebração do terceiro milênio da era cristã.

Todos temos consciência de que a humanidade atual, em sua grande parte, cresceu à margem do cultivo dos verdadeiros valores humanos e cristãos da vida. De um lado experimentamos a satisfação pelas grandes conquistas, em vários campos e setores da ciências e da própria vida humana. De outra parte, apesar dos grandes progressos em várias áreas, experienciamos a sensação do fracasso, diante dos sonhos e promessas não cumpridas. Desta experiência de progressos, conquistas e fracassos, voltamos a ter saudades da vida, do humano, do afetivo, do pessoal, do familiar, do comunitário, do espiritual, de Deus. O sonho de uma vida melhor e de uma sociedade mais fraterna e justa, sem a presença dos valores do humano e do divino, deixou uma multidão na desilusão e na sensação de derrota. As tensões no coração e nas relações humanas cresceram. Mas da experiência de encontros e desencontros, somos convidados a refletir sobre o “por quê” e o “para quê” do viver e do existir humano, como necessidade de pensarmos o nosso futuro. Sem certezas, valores e esperanças, não há futuro. “Podemos com razão depositar a sorte futura da humanidade nas mãos dos que sabem transmitir, às novas gerações, razões de ser e de esperar”, diz o Papa.

Entre os grandes valores e pilares da humanidade, que sofrem a enfermidade da vida atual, está *a família*. Na crise da família, aparece a desvalorização da *“paternidade e da maternidade humana”* tendo por resultado a desvirtuação do valor da vida, em todos os níveis, do físico ao espiritual, da legalização da morte no ventre humano, como em qualquer idade da vida. Chegamos a um ponto tal, que o mandamento “não matarás” nos é apresentado ao contrário na TV: aí a diversão é o espetáculo da morte de milhões.

Num estudo mais apurado da história dos povos e das civilizações, os estudiosos do comportamento humano perceberam que a qualidade da vida humana a nível pessoal, familiar, de grupo, de sociedade, de nação e mesmo de uma civilização, sempre aconteceu quando a vida estava alicerçada em quatro pilares fundamentais: *solidez familiar, cultivo de valores, sentido*



da vida e vivência do verdadeiro amor”. Fundamentar-se nesses quatro pilares, sempre foi dar solidez e qualidade à vida humana. Ao contrário, questionar estes valores, sempre foi adoecer a vida, a família, as sociedades, as civilizações. Berdiaeff, antropólogo russo, afirma que em seus estudos sobre o comportamento humano através dos tempos, “encontrou sistemas ateus, jamais civilizações atéias”. Aliás, desde a história de Adão e Eva, expressões vivas da história do coração humano e da própria humanidade, sabemos que, buscar a vida sem os valores do Absoluto, será sempre perder o paraíso, isto é, o segredo do sentido da vida, da coexistência humana e da felicidade.

Rumo à celebração do terceiro milênio da era cristã, precisamos estar abertos *aos sinais dos tempos, que são muitos*. Mas a pergunta é esta: onde buscarmos a fonte dos verdadeiros valores ou os caminhos que nos reorientem para a compreensão da vida a nível pessoal, familiar, comunitário, social, nacional e internacional? O concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, ensina: “A Igreja tem algo particular a oferecer ao homem de hoje, na busca dos caminhos que o levarão ao reencontro consigo, com a vida, com os outros, com Deus: os valores do Evangelho”. No caso concreto, como iluminar *os valores da paternidade e da maternidade humana* à luz da paternidade de Deus e dos ensinamentos de Cristo?

Falar de Cristo, de sua vida, missão, anúncio e obra, é sempre mais fácil do que falar de Deus-Pai. Sobre Cristo, os evangelhos nos dão o testemunho completo de sua existência. Mas, como falarmos de Deus-Pai, fonte de toda criação, de toda vida, de toda paternidade e maternidade humana?

Cristo, como *“o Enviado”* do Pai ao mundo, nos ensina que veio *“para nos dar vida e vida em abundância”*. (Jo 10,10). *A vida eterna consiste em que reconheçam a ti como Deus verdadeiro e Aquele a quem enviaste* (Jo 17,3). Cristo veio revelar-nos o desígnio, a vida, e o amor do Pai para toda a humanidade, como para toda a criação. Ele é o único e grande revelador de Deus-Pai (Jo 6,46). Podemos mesmo dizer que o conteúdo central da Boa Nova de Cristo é a revelação do amor misericordioso de Deus-Pai para com toda a humanidade. Mas o que mais nos toca ao refletirmos sobre esta revelação, é sabermos que somos por Ele convidados a nos mover e a viver *da vida e do amor misericordioso do Pai*.

Deus-Pai, fonte de toda Paternidade e Maternidade

O cristianismo é a única religião que nos fala de um Deus-Pai, com coração de Mãe. Fala de Deus, princípio e fim de toda a criação e de todas as criaturas e, em especial, criador do homem e da mulher, feitos e chamados a



serem e a viverem como *sua imagem e semelhança* (Gn 1, 26).

A missão particular de Cristo foi revelar o desígnio do Pai, o amor eterno e infinito de Deus-Pai para toda humanidade. É o “Servo fiel” que se reconhece como o “único e verdadeiro Enviado do Pai” (cf Jo 17,3-5), dando sua própria vida como forma suprema de amor ao Pai, em resgate e salvação da humanidade. (Cabe aqui fazer uma advertência sobre o perigo que hoje se pode correr ao acentuar uma espiritualidade que busca fazer de Cristo mais *um curador de enfermidades físicas ou solucionador de problemas sociais*, do que o grande revelador da infinita misericórdia do Pai. Não podemos protestantizar a Igreja católica. A cura física, como a solução da fome material, que aconteceram na vida de Cristo e que devem acontecer hoje, não foram e nem podem ser o fim do anúncio de Jesus, mas meios dos quais Ele se serviu para demonstrar que era o verdadeiro “Enviado do Pai”).

A Paternidade de Deus Pai

Nosso Deus é o Deus-Trindade-Família-Comunhão-Amor, origem, fonte e fim de toda criação, de todas as criaturas. É o Deus-Pai com coração de Mãe. Essa paternidade de Deus pode ser percebida *em toda a criação, em todas as criaturas, mas de modo especial na pessoa humana*:

a) Toda criatura, da inanimada à animada, reflete e revela a paternidade divina de Deus. Ao contemplarmos a criação com os olhos da fé, percebemos que ela em sua estrutura interna traz os traços do Criador, assim como todo filho traz a semelhança de seus pais pela genética. *Obras todas do Senhor, louvai o Senhor* (Dn 3,57-88). As próprias descobertas das ciências atuais no campo da cosmologia, antropologia, psicologia,... sem falarmos da teologia, constata esta verdade. A cosmologia reconhece que todo o universo é formado por uma gigantesca ordem familiar, desde as macro-estruturas, compostas pelas galáxias, sistemas solares e planetas, até a micro-estrutura, que é o átomo, com seus elétrons, prótons, neutrons e quanta. A estrutura da terra, por sua vez, é organizada familiarmente na forma de minerais, vegetais, animais e seres humanos. A formação de nosso corpo é uma gigantesca relação de membros, órgãos e células interagindo entre si, formando nossa vida. Tudo tem rosto de família. Esta ordem de relações é tão intensa que os cientistas afirmam que o universo e a vida em todos os níveis fazem parte da mesma fraternidade cósmica. Se tudo é assim, por que não ver em toda a criação os traços de Alguém que é a origem de tudo, Deus-Pai-Criador-Família? A paternidade de Deus é a razão mais interna de toda a criação.

b) Por outro lado, poderemos igualmente perceber a paternidade de Deus na origem primeira e última de nossa existência. Todos temos uma



origem humana, na pessoa de nossos pais. Deles herdamos quase tudo. Herdamos nossa genética física, como muito de seu psíquico, cultura, história, espiritualidade. A Bíblia nos fala que “fomos concebidos no pecado”, como também, a partir de Cristo, “somos concebidos mais ainda na graça” (cf Rm 5,8-10). Somos uma síntese de nossos pais no físico, no psíquico, no espiritual, no ser e existir. Somos seres históricos e culturados.

Mas a fonte da verdadeira vida não pode apenas ter vindo de nossos pais. Eles também a herdaram de Alguém. A verdadeira fonte da vida, a origem primeira e última, está fora de nós, fora de nossos pais somente pode estar em Deus, princípio e fim de tudo. Desde toda a eternidade fomos pensados e chamados por Deus, através do amor de nossos pais e, por mérito de Cristo, fomos constituídos filhos, partícipes, herdeiros e co-herdeiros da vida eterna do Pai (Ef 1,3-12).

c) A Bíblia é a grande carta e livro por onde poderemos melhor conhecer a verdadeira face, amor e paternidade de nosso Deus-Pai. Cristo é o grande e único revelador de Deus-Pai. Revela-nos que seu Pai é o Pai de toda a humanidade, de todos os povos, de toda gente, de cada pessoa, rica ou pobre, um Pai que tem amor todo particular pelos pequeninos e pecadores. Foi Jesus quem nos ensinou a chamar a seu Pai de *nosso* Pai (Mt 6, 9-14).

Assim, pela Bíblia, tanto do Antigo como do Novo Testamento, podemos melhor conhecer quem é o Deus-Pai revelado por Cristo em sua paternidade eterna. Através do AT., particularmente pelos patriarcas e profetas, somos introduzidos na intimidade de seu coração fiel e infinitamente amoroso e misericordioso, que se revela progressivamente para toda a humanidade. Através do NT., podemos conhecer o seu eterno amor por meio de seu próprio Filho amado, Jesus Cristo, o Enviado do Pai. “*A Deus ninguém viu; o Filho unigênito que está no seio do Pai, foi Ele quem no-lo deu a conhecer* (Jo 1,18). *Ninguém conhece o Pai senão o Filho, e ninguém conhece o Filho senão aquele a quem o Filho o quiser revelar* (Mt 11,27).

Mas, se no AT Deus foi-se revelando somente aos poucos como Deus-Pai, não é verdade que seja um Deus distante da vida humana ou diferente do revelado por Jesus. Jesus apenas o revelou melhor e o revelou como Pai de todos. O Deus do AT e do NT é o mesmo Deus-Pai infinitamente amoroso e próximo do destino, da sorte e da vida dos homens. Um Deus que age e tem coração de Pai e de Mãe, que se preocupa e assume o ser humano na sua totalidade, que tem amor de misericórdia, de compaixão, que “sofre com” seu povo, que tem amor de entranhas, gestador de sempre mais vida: “*Tu és o meu Deus desde o ventre materno*” (cf Sl 138). No povo de Israel, quando uma criança nascia, o pai devia ser o primeiro a tocar no filho, ainda



sujo de sangue, para significar que também ele gestou e não somente a mãe. Esta é a expressão mais forte para significar com que amor todos somos gestados por Deus, em seu “*réhem*”, seu ventre. Deus é ao mesmo tempo Pai e Mãe. Este é o Deus que ama Israel como a seu filho querido e predileto (cf Os 11,1).

d) Deus “**revela o seu nome**” (Ex 3,14). Na Bíblia, “revelar o nome” significa dar sua intimidade, estabelecer laços de amor e de compromisso mútuo, laços de fidelidade, de relação afetiva Pai-filho. É o Deus que estabelece laços estreitos de amor e de profundo envolvimento de compromissos com a vida, a sorte e destino de seu povo. É o Deus que quer ser reconhecido como o Deus da eternidade, o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, o Deus da Aliança, da Promessa (Ex 34,10). É o Deus que o Apocalipse chama de: “*Aquele que é, que era e que vem*”. O Deus que é origem, fonte, razão e fim de tudo. É o Deus do Êxodo, que “*viu, ouviu, sentiu, desceu, assumiu e libertou seu povo*”... (cf Ex.3,7-12).

Este é o rosto do Deus-Pai vislumbrado pelos patriarcas, pelos profetas e por todos os homens e mulheres de Deus do AT. É o Deus da misericórdia, o Deus da inquebrantável fidelidade, que, apesar de todas as infidelidades humanas, nunca nos abandonou. É o Deus-Pai com o coração de Mãe que nos gera e nos gesta sempre mais para a vida presente e futura, a eternidade. É o Deus da Promessa, que depois de nos amar tanto e de tantas formas, nos dá por fim seu próprio Filho Amado, como prova de seu infinito e eterno amor por nós, pela humanidade.

Jesus, o Revelador do Amor do Pai

Jesus veio nos revelar, anunciar, tornar mais conhecido o Deus-Pai já anunciado através de todo AT. Mergulharmos em Cristo, em sua vida, em seu anúncio e missão, é descobriremos sempre mais o rosto, a vida, o amor de Deus-Pai. Jesus é o “Enviado do Pai” para fazer conhecido Deus-Pai ao mundo. Jesus é o grande revelador da vida e do amor eterno de Deus-Pai. Sua vida e missão são uma trajetória para o Pai. Revelar o Pai, foi o alvo central da missão cristológica de Jesus. *Pai, glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique... Manifestei teu nome àqueles que me deste... Deixes a conhecer teu nome... (cf Jo.17,1ss). Não vos chamo de servos, mas de amigos, pois vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai (Jo. 15,15). Disse-lhe Filipe: Mostra-nos o Pai e isto nos basta. Há tanto tempo estou convosco e não me conheces, Filipe? Aquele que me viu, viu também a meu Pai (Jo14,8-9).* Penetrar no Evangelho de São João é descobrir que a missão de Cristo, sua vida, seu alimento, sua vontade, seu anúncio, foi revelar os desígnios, a vida, o amor eterno de Deus-Pai para a humanidade.

Em Cristo, o amor de Deus se tornou carne, gente, vida humana,



realidade, família, alegria, dor, comunhão, sentimentos, amor, amizade, protesto, perdão, serviço, entrega, condenação, paixão, morte, ressurreição. Em Cristo, Deus-Pai nos assumiu na totalidade de nosso ser e vida, ultrapassando-nos em tudo. Sendo o primeiro, se tornou o último (cf Fl 2, 5-11). O dono de tudo não teve cama para nascer e nem cama para morrer. Nasceu numa estrebaria e morreu pendurado numa cruz, como o rejeitado e o amaldiçoado de Deus e dos homens.

Pensar em Jesus, é sempre recordar a vida, a bondade, a ternura, a justiça, a pobreza, a obediência, a misericórdia, o perdão, o amor personificados. Ninguém viveu, amou, perdoou e se doou como Ele. Nele não há contradição entre o ser e o viver, entre o ensinar e o testemunhar. Ele simplesmente é. É o Filho de Deus feito homem, o maior e o menor dos homens, o Enviado de Deus, o rosto e a manifestação mais perfeita do amor de Deus-Pai, o revelador único do amor infinito do Pai. Penetrar no coração e no espírito dos Evangelhos, dos Atos e Cartas Apostólicas, meditando e contemplando seus ensinamentos, doutrinas e mensagens, é radiografar o coração e o amor do Deus-Pai que Jesus nos deu a conhecer. São Paulo, querendo traduzir a grandeza imensurável deste amor de Deus-Pai por toda a humanidade, assim se expressou: *Que Cristo habite pela fé em vossos corações, para que possais compreender o comprimento, a largura, a altura e a profundidade do amor de Deus por nós em Jesus Cristo (Ef. 3,17-19).*

O Amor Paternal de Deus-Pai é um desafio para todos nós

Na verdade, foi um grave erro em nossas pregações, termos, por vezes, falado mais do medo, da culpa, do pecado, dos demônios, da condenação, do que sobre o infinito e misericordioso amor de Deus-Pai pela humanidade. Como consequência, muitos ainda sentem mais medo de Deus, do que confiança e amor.

Sem dúvida, o anúncio mais radical de Jesus foi ensinar e pedir “*que sejamos misericordiosos como o Pai é misericordioso*” (Lc 6,36). Jesus não nos convida apenas para aceitarmos a misericórdia do Pai, mas para vivermos sua misericórdia em nós e entre nós. Buscar “viver na casa do Pai” ou “voltar para a casa do Pai”, é buscar viver da vida do Pai. Na missão e pregação de Jesus, “tornar-nos semelhantes ao Pai” não é só algo importante, mas a essência do Evangelho.

Mas, para vivermos como filhos e filhas deste Deus-Pai, precisamos ter “**amor de compaixão**”. Isto é, um amor comprometido e fiel com o destino dos que sofrem no corpo e na alma, como Deus sempre teve. Não podemos



permanecer calados enquanto tantos sofrem de tantas formas. Precisamos amar como o Pai e Jesus amam. Somos chamados a viver na direção do amor do Pai que não reserva nada para si, divide tudo, dá tudo, seu próprio Filho amado, seu Espírito. Somos chamados a perdoar como o Pai perdoa. Um perdão que não põe condições, que não cobra nada a não ser a alegria de ver o filho feliz. Um perdão de acolhimento, sem esperar nada em troca. Somos convidados por Cristo a **“ser generosos como o Pai”**. O Pai do filho pródigo não somente dá o perdão, a reconciliação, mas o cumula de amor, de beijos, abraços, presentes, o faz legítimo herdeiro de tudo o que é Dele, mesmo após o filho gastar tudo a que tinha direito. Buscar viver na esfera deste amor e vida, é sermos filhos do Deus-Pai de Jesus Cristo, Pai de toda humanidade. Este é o modelo do amor que Jesus nos apresenta e nos pede na Igreja, rumo à celebração do terceiro milênio da era cristã.

Diante do tamanho do amor de Deus-Pai por nós e pela humanidade, seria melhor calar. Mas este é o Deus-Pai de Jesus Cristo e nosso Pai, com coração de Mãe.

Da Paternidade divina à Paternidade humana

Por mais que busquemos expressar pelos olhos da fé e pela sensibilidade da nossa mente o alcance da paternidade de Deus, sempre o faremos numa dimensão humana. Só a eternidade para melhor usufruirmos do misterioso amor paternal eterno de Deus-Pai.

Como já vimos, podemos intuir a força criadora da paternidade de Deus-Pai através da contemplação das obras de sua criação, pela reflexão sobre a origem primeira e última de nossa vida humana e através da revelação bíblica, mas acima de tudo pela Pessoa de Jesus. Mas não desejo aqui apenas refletir sobre a grandeza da paternidade e da maternidade do homem e mulher ao gerarem biologicamente os filhos para a vida, e criá-los, educando-os no amor e na fé. O que desejo, sim, é refletir sobre a força criadora do Ser paternal de Deus-Pai sobre a vida de toda a humanidade e sobre a vida particular de cada um de nós.

O *“façamos o ser humano à nossa imagem”* (Gn 1,26) não se refere somente à relação pai-mãe-filho, mas tem relação com cada um de nós em nosso ser e existir mais íntimo de pessoas humanas nascidas do mesmo amor criador de Deus-Pai. Sabemos pela fé, que todos fomos e somos desejados, chamados à vida, vocacionados para o amor, para a eternidade, por Deus. Trazemos em nossa natureza, e por isto mesmo, em nosso ser e agir, parte da própria natureza de Deus em seu amor criativo e gerativo. É sobre esta perspectiva da fé cristã que desejo refletir, *“da paternidade de Deus, para a paternidade e maternidade humana.”*



Na vivência da paternidade e maternidade humana, na relação pais e filhos, os filhos não precisam apenas de pais que os criem, protejam, eduquem, amem, mas precisam acima de tudo de pais que se amem. Pois o gerar e o ensinar sem a vida, sem o testemunho, sempre geram tensões. Educar, e mais gerar, não é apenas a arte de transmitir vida biológica, conhecimentos, bem-estar, mas acima de tudo é a arte de transmitir o gosto, a alegria e o sentido do viver. A verdadeira geração da vida, sempre exige vida. Sem dúvida, aqui reside a maior pobreza de nossos tempos. Nosso discurso é por vezes bem diferente de nossa prática. O mundo atual está cansado das promessas, da palavra como palavra, tem necessidade do testemunho, da vida no sentido pleno, principalmente quanto tem relação com os valores. Ter, e exercer autoridade, particularmente em nossos dias, não é tanto ter poder, encargo, conhecimentos, mas é mais vivência, vida, testemunho, seja isto na família, no poder público, como principalmente na Igreja.

A grandeza da Paternidade de Deus

Em tudo que a podemos conhecer e contemplar, sob o olhar da fé e da inspiração do Espírito Santo, ela se apresenta como a mais absoluta e infinita fidelidade do amor de nosso Deus-Pai, que nunca abandonou a humanidade e nunca a abandonará. O amor de Deus-Pai foi, é e será absolutamente inquestionável e inquebrantável, apesar de todas as infidelidades humanas passadas, presentes ou futuras. Foi este amor de fidelidade eterna de Deus que fez o povo de Israel caminhar para a Promessa, e nos fará caminhar sem medo para a Parusia. *Se Deus está conosco, o que nos poderá separar do amor de Cristo?* exclama São Paulo. O amor de nosso Deus não tem limites. O limite é a eternidade. Deus não nos deu apenas coisas, os bens da criação, mas nos deu e dá seu amor misericordioso de Pai, deu-nos seu próprio Filho, seu Espírito e quer sempre mais nos dar sua própria vida agora e para sempre. Não nos amou somente para o tempo, mas acima de tudo para a eternidade. Não mede o ser humano por suas quedas, mas por seu amor. Sempre acreditou, confiou e confia no ser humano apesar de suas inúmeras infidelidades.

Como filhos e filhas deste Pai, somos chamados a ser seu reflexo, “imagens vivas” de sua paternidade e maternidade. Nosso Deus em seu amor se apresenta como Aquele que nos pensou, nos criou e nos salvou e salva por seu Filho, no Espírito. Somos chamados a sermos “suas cartas vivas”. Deus-Pai em seu amor eterno e imensurável por nós, sempre veio ao nosso encontro gestando-nos para a vida, *“vida em abundância”* (Jo 10,10). Sob o horizonte da vida e do amor de Deus-Pai por nós em Cristo e pelo Espírito, somos chamados a compreender e a viver nossa paternidade e maternidade humana e cristã.

O Deus que “*ouviu, viu, sentiu, desceu, assumiu e libertou seu povo*”, nos questiona em nosso ser e agir. Como Igreja, bispos, padres, religiosos, leigos, precisamos ter melhores ouvidos para “ouvir” o clamor dos que hoje sofrem ao nosso lado e no mundo. Precisamos “ver” melhor o que acontece dentro e fora de nós. Que sinais do Reino somos? Nossas obras e vida, o que testemunham? Precisamos “sentir” melhor e mais o destino e sorte de nossa gente e povos. Precisamos “descer” mais na direção do coração, das aspirações e dos sofrimentos humanos para melhor falarmos a língua dos tempos e, com “novos métodos, novo ardor e expressões”, anunciarmos o infinito amor do Deus-Pai a nível pessoal e como Igreja. Resta-nos, portanto, a coragem de vermos como nos encontramos na missão que Deus confiou a cada um de nós. Nossa paternidade e maternidade de filhos e filhas de Deus, que frutos geram? Somos com nossa vida e obras o reflexo do coração de Deus-Pai ou somos “o filho mais jovem”, ou o “mais velho”, da parábola do “filho pródigo”?

Mais profecia e mais amor-testemunho

Por vezes me angustia sentir hoje tanto silêncio em nós, diante dos sofrimentos de multidões. Pergunto-me. Será tudo fruto de um amor equivocados, intimista, sinal de uma posição mais acomodada no sermos Igreja? Confesso que não consigo ver com clareza. Precisamos de mais coragem para fazermos a confrontação de nosso amor e vida com o amor do Deus-Pai em seu compromisso libertador diante do clamor de seu Povo. *“Não suporto mais ver o sofrimento de meu povo. Seu clamor chegou a meus ouvidos e eu mesmo descerei, libertarei e conduzirei meu povo com minhas mãos. Eu sou Aquele que sou, Javé”* (Ex. 3,7-15). Que filhos e filhas somos deste Deus-Pai? Nossa paternidade e maternidade são a expressão de seu rosto e amor? Onde estamos? Como vivemos? Que Pai manifestamos com nossas opções e vida?

A parábola do “filho pródigo” me faz perceber quão longe estou ou poderemos estar do coração e do agir do Deus-Pai. Na verdade, sou, somos, ainda muito do “filho pródigo”, e do “filho mais velho”, no agir na Igreja e como Igreja. Estamos muito longe de viver o amor e a misericórdia do Pai do filho pródigo em nós, entre nós e na Igreja.

Ao refletir sobre o modo como vivemos, padres, religiosos, religiosas, leigos, mesmo bispos e hierarquia na Igreja, devo confessar que nos encontramos muito distantes de viver no infinito amor misericordioso de nosso Deus-Pai. Nem sempre somos expressões vivas do amor de Deus em nossa vida pessoal e convivência. Como por vezes nos falta a atitude do Pai para com o filho que erra. Quantas vezes basta um erro e não acreditamos mais no outro. Somos ainda muito pobres e limitados em nossas relações de família,

de comunidade, de Igreja. Basta uma queda e alguém não merece mais nossa confiança, nunca mais assumirá um cargo maior, por mais sábio e santo que se torne. Pior ainda, por vezes nos excluimos ou excluimos pessoas de nossas simpatias, de cargos, e do próprio amor, pelo simples fato de pensarem e se manifestarem de modo diferente na Igreja. Sem nos darmos conta, muitas vezes guardamos mais a lembrança do erro do que do arrependimento. Sabemos ainda viver pouco na fraternidade da discordância, pouco aceitamos ser diferentes nos caminhos de Deus. Vivemos, por isso mesmo, distantes do amor do Deus-Pai que abraçou o filho que errou, traiu e esbanjou tudo.

O Pai do filho pródigo, mesmo sem a contrição perfeita do filho que volta, lhe dá tudo de novo, acredita no filho, lhe confia seus bens, o faz herdeiro de tudo e nunca mais toca em suas feridas. Sim, como estamos ainda tão distantes de viver na prática este amor misericordioso do Deus-Pai na relação esposo-esposa, pais-filhos, superiores-confrades-religiosas, bispos-padres! Muitos estamos ainda do lado “do filho mais velho”. Agimos para agradar, por aparência. Ficamos com ciúmes dos que voltam. Guardamos ressentimentos mútuos. Não sabemos valorizar e acolher pronta e amorosamente os que nos cercam, os que erraram, os que traíram nossa confiança. Agarramo-nos a cargos, idéias, mágoas. Não sabemos ter a grandeza de espírito de João Batista, para sermos simples servidores e promotores dos outros. Estamos longe de sermos servos como Cristo. Temos dificuldades sérias de “nos lavarmos mutuamente os pés”. Mas este é e continua a ser o único caminho para vivermos no discipulado e no amor do seguimento de Cristo, cumprindo a vontade do Pai (Jo. 13;1-20). Se formos sinceros e honestos diante de Deus e de nossa consciência, sabemos que precisamos ter muita humildade para admitirmos esta verdade.

Rumo à celebração do Terceiro Milênio da era cristã

O Papa João Paulo II, num gesto de grandeza, de coragem e de humildade, nos pede uma autêntica revisão de vida em nosso modo de ser e de agir como cristãos, como Igreja. Convida-nos a uma verdadeira conversão, reconciliação e perdão em tudo o que se fizer necessário para o bem da Igreja. Somente assim seremos filhos e filhas do Deus-Pai que é todo misericórdia e amor.

Por vezes me pergunto. Como haveríamos de acolher São Pedro se vivesse em nossos dias, diante da gravidade de sua traição na hora em que mais Jesus precisava de sua ajuda, mesmo depois de tanta confiança! Será que lhe daríamos crédito, aceitando que ele fosse confirmado na missão que Cristo lhe confiou, de ser “a pedra” da Igreja? Seríamos capazes de aceitar alguém



como São Paulo, que prendeu a tantos e que se tornou o grande apóstolo de Cristo? Seríamos capazes de ordenar bispo alguém que teve uma vida dissoluta como Santo Agostinho? Afinal, que Igreja de Cristo somos? Que filhos somos do Deus-Pai? Nossa vida, nossa paternidade e maternidade cristã, expressam a paternidade de Deus-Pai com coração de Mãe? Nossa vida e obras refletem o amor do Pai do “filho pródigo” na Igreja?

Na verdade, confesso ter muita dificuldade de compreender na Igreja a atitude de muitos diante do pouco valor dado a nossos ex-padres, ex-religiosos e religiosos, leigos, irmãos e irmãs nossos na fé. Muitas vezes, nosso compromisso de amor real e de confiança como padres, presbitério, congregações, bispos, permanece apenas enquanto estes fazem parte do grupo. Com facilidade os esquecemos, e porque não, muitos passam necessidade após tanto terem servido dioceses e congregações. O que está acontecendo conosco? Como está o amor de Deus-Pai em nós e entre nós? O erro de alguém merece correção amorosa, e nunca pode excluí-lo do amor. Todos continuamos sempre “devedores do amor”, como nos ensina São Paulo (cf Rm 13,8). Acima de tudo, este é o mandamento de Cristo e a vontade do Pai.

Como nos reconhecermos filhos e filhas do Deus-Pai que “faz chover sobre justos e injustos”, que ama a todos sem distinção de raça, cor, situação ou pecado, se nossa vida e obras não refletem seu amor? Como sermos filhos do Deus-Pai, se permanecemos calados diante do sofrimento de milhões de irmãos e irmãs que se encontram à margem da vida, sem dignidade humana, sem o mínimo para o corpo e para a alma? Pergunto. Como sermos imagens e reflexos do rosto e do amor do Deus-Pai se não assumirmos em nós e entre nós os sentimentos de Cristo: *Tenho compaixão desta multidão que está como ovelhas sem pastor* (Mt 9,36-33), se não assumirmos o Deus-Pai que “ouviu, viu, sentiu, desceu, assumiu e libertou seu povo” (Ex 3,7-15), e deseja que “nenhum dos seus se perca”?

Será, portanto, na medida em que nosso ser, agir e viver de leigos, religiosos, religiosas, padres e bispos refletir cada vez mais o amor vivo do Deus-Pai de Jesus, que a paternidade e maternidade humana se tornarão reflexos da paternidade e da maternidade de Deus no tempo. *Quem diz amar a Deus a quem não vê e não ama o irmão a quem vê é mentiroso e o amor de Deus não está nele. Temos de Deus este mandamento; o que amar a Deus, ame também a seu irmão* (1Jo 4,20-21).

Endereço do Autor:
ITESC
Cx. Postal 5041
88040-970 Florianópolis SC

O artigo propõe demonstrar que o amor de Deus encarnado no próxima, na virtude da caridade, encontra um “exemplo mais perfeito” em Maria, “modelo de caridade”. A autora, após explicitar as “características da caridade cristã” e a própria caridade como “princípio ativo da vida espiritual”, apresenta-nos Maria como modelo ao nosso alcance, e conclui com um esboço da “espiritualidade mariana para o nosso tempo”

Maria, Modelo de Caridade

Aspectos Espirituais

Ir. Elizabeth Mendes

Mestra em Teologia Espiritual e Franciscanismo, professora no ITESC.